

## TENSÃO E CONTRADIÇÃO NA REPRESENTAÇÃO DA IDENTIDADE E DESEJO LÉSBICOS EM *THE PASSION*, DE JEANETTE WINTERSON

Peonia Viana Guedes  
UERJ

Em *The Passion* (New York: Grove P, 1987), Jeanette Winterson cria uma representação da identidade e desejo lésbicos através de uma hábil manipulação de estratégias narrativas pós-modernas. A autora utiliza um narrador masculino e se concentra, na primeira metade da obra, na arena essencialmente masculina das guerras napoleônicas. *The Passion* é uma obra de metaficção historiográfica que, embora focalize, como indica o título, as "paixões" dos personagens, trata igualmente da transmutação dessas paixões para os domínios da arte. É uma ficção histórica que narra uma série de acontecimentos ocorridos no passado mas que o faz com os olhos postos em sua relevância no presente. *The Passion* é, também, uma obra que explora a tensão e aparente contradição entre a heterossexualidade e as relações lésbicas, fazendo da política sexual e da representação da identidade e desejo lésbicos temas centrais do texto.

Em *The Passion*, Winterson cria uma interação entre elementos masculinos e lésbicos, resolvendo a aparente contradição entre eles, por meio do tratamento radical de seu narrador masculino, Henri. É, na realidade, Henri, o camponês francês que trabalha como cozinheiro para Napoleão, durante suas campanhas militares, que primeiro introduz os temas da política sexual e do amor entre mulheres, abrindo, assim, o caminho, para a transformação do texto de um estudo de relações entre homens, no acampamento e no campo de batalha, em uma análise do amor lésbico. A descrição de Henri, feita por Winterson, ao desconstruir as convenções da diferença sexual, transpõe a brecha entre esses dois mundos diferentes. Henri apresenta traços convencionalmente considerados como "femininos", tais como a sensibilidade e uma aversão a matar, e é ridicularizado por seus companheiros de farda por ser efeminado. Domino, o anão empregado como cavaliço de Napoleão, descreve Henri, sarcasticamente, como um "jovem educado por um padre e uma mãe religiosa. Um rapaz que não consegue pegar num mosquetão sequer para matar um coelho" (p. 28). Como Domino insinua, Henri é profundamente ligado à mãe e, em consequência, simpatiza com a posição oprimida das mulheres. Ele conhece o sofrimento por que elas passam e reconhece o modo pelo qual os homens as desprezam e ignoram. Comentando a tendência dos homens, especialmente quando empenhados numa guerra, para desumanizar as mulheres, ele observa: "Nunca pensamos nelas aqui. Pensamos em seus corpos de vez em quando e depois falamos sobre nossa casa, mas não pensamos nelas como elas são, as mais sólidas, as mais amadas, as bem conhecidas" (p. 27). Além de alertar o leitor para a causa da opressão da mulher, Henri também introduz os tópicos da heterossexualidade obrigatória e das relações lésbicas, os quais são parte integrante do romance. O relato que ele faz do casamento forçado de sua mãe – que concordara com casar-se apenas porque seus pais a impediram de seguir sua vocação religiosa e entrar para um convento – e sua descrição do tratamento brutal a que o cozinheiro submete uma prostituta no bordel local, esbofeteando-a e obrigando-a a praticar felação, ilustram as pressões sociais e físicas, que obrigam as mulheres a manter relações sexuais com homens. Ao relatar o incidente no bordel, Henri chama a atenção para a tentativa das prostitutas para se protegerem umas às outras dos ataques masculinos e descreve o beijo carinhoso que uma dá à outra. Isso marca, na verdade, a primeira referência ao amor entre mulheres no romance.

Ao introduzir temas de política sexual e relações lésbicas, Henri prepara o caminho para a entrada em cena de Villanelle, a moça veneziana que fica perdida de amores pela mulher misteriosa, que ela chama de "Rainha de Espadas", e age como símbolo do

lesbianismo em todo o texto. A reversão de papéis e a desconstrução da diferença sexual são um aspecto tanto da descrição dela como da descrição dele. Enquanto Henri exemplifica os atributos convencionalmente considerados como femininos, Villanelle apresenta qualidades tipificadas como masculinas, tais como ousadia e iniciativa. No desenrolar de seu caso de amor com a Rainha de Espadas, ela até se veste como homem, aproveitando a oportunidade para se transvestir, que a festa do Carnaval em Veneza lhe proporciona. O tópico da heterossexualidade obrigatória, introduzido por Henri no relato do casamento forçado de sua mãe e a descrição de sua visita ao bordel, é desenvolvido na descrição de Villanelle e suas aventuras. Embora mantendo relações sexuais com homens, ela raramente o faz por opção, mas tal como a mãe de Henri e as prostitutas que ele encontra, ela é motivada por pressões sociais e econômicas. Seu casamento com um "homem rico, fisicamente repulsivo, com dedos grossos" (p. 96), cujas mãos, lembra ela com asco, "caminhavam pelo seu corpo como caranguejos" (p. 98), é um ato de pragmatismo, que ela pratica para fugir de Veneza, um ambiente que se tornara intolerável para Villanelle devido ao término de seu romance com a Rainha de Espadas.

O papel de vivandeira no exército de Napoleão, que ela adota em seguida, acontece como resultado de uma aposta, em que ela involuntariamente figura como prêmio e objeto de troca. Seu encontro sexual com Henri, embora voluntário, é um acontecimento isolado que, apesar do fato de ele se haver apaixonado por ela – ou talvez por isso mesmo – a moça raramente permite que se repita. Villanelle gosta dele – diz ela – não como amante mas de uma "forma fraterna incestuosa" (p. 146). Na verdade o único envolvimento sexual intenso que ela experimenta é a relação que forma com a Rainha de Espadas. Isso, a despeito do fato de que esse relacionamento dura apenas nove dias, representa um dos principais exemplos da "paixão" a que o título do romance alude. A razão do término repentino da relação de Villanelle com a Rainha de Espadas é que esta última, de acordo com as convenções patriarcais da época, é casada. Um incidente particularmente comovedor, que descreve a posição da lésbica no hetero-patriarcado como extremamente 'problemática', é o episódio em que Villanelle, colocada no papel marginal de excluída e *voyeur*, ao qual através da história a lésbica tem geralmente sido relegada, espia pela janela da casa da Rainha de Espadas e a vê conversando com o marido, na segurança social e financeira do lar da família (p. 75). Ele planta um beijo na frente da esposa, afirmando sua posse sobre ela e sinalizando o controle que exerce sobre a sua vida. Esse episódio ilustra as restrições que uma economia falocêntrica impõe à vida das mulheres, separando e inibindo as relações entre elas por meio da privação de sua liberdade sexual e social.

Com a entrada de Villanelle no texto, o papel de Henri na narrativa perde importância e sua atuação declina. A partir do momento de sua primeira aparição, Villanelle se apropria do papel de narrador e se torna o foco de interesse da narrativa. Henri se apaixona por ela, tentando assim relegá-la ao papel convencional da mulher como objeto de desejo, mas ela consegue subverter esse papel. Embora dormindo com ele ocasionalmente, ela recusa sua proposta de casamento e resiste às suas tentativas de torná-la objeto, contando a história de seu caso de amor com a Rainha de Espadas. Descrevendo-se não como o objeto do amor de Henri, mas como a amante da Rainha de Espadas, ela consegue reposicionar-se na narrativa no papel de agente ativo. A competição entre o princípio masculino e o feminino pelo domínio da narrativa, exemplificado pela interação entre os dois personagens, continua nos últimos estágios do romance. Aqui Villanelle diminui ainda mais a atuação de Henri, incorporando-o ao seu território e fazendo dele o instrumento de sua busca pela libertação. Tendo persuadido o rapaz a acompanhá-la à sua cidade natal, Veneza, ela o manipula para resgatar seu coração do domínio da Rainha de Espadas, que o mantém escravizado. Assim, ao invés de permitir que ele consiga cooptá-la para tornar-se personagem de seu drama, ela o induz a desempenhar um papel no dela.

Em *The Passion*, Villanelle rouba de Henri não só o papel de narrador como o foco da atenção da narrativa, uma característica não só da ficção de Winterson, mas da narrativa lésbica em geral, onde a entrada da mulher no texto e sua apropriação do papel de narrador criam -- para usar um termo de Marilyn R. Farwell em "Heterosexual Plots and Lesbian Subtexts: Toward a Theory of Lesbian Narrative Space" (*Lesbian Texts and Contexts: Radical Revisions*. Eds. Karla Jay and Joanne Glasgow. New York: New York UP, 1990) -- "um espaço narrativo lésbico" (p. 93). Depois do fracasso da campanha russa, Napoleão desaparece do romance e, com o seu desaparecimento, o foco muda da arena pública da guerra para o domínio privado do amor. O capítulo que conclui o romance, ao destacar o triângulo do desejo entre Villanelle, a Rainha de Espadas e Henri, mostra como, ao recuperar o coração de Villanelle da Rainha de Espadas, Henri é relegado ao papel subalterno de mediador entre duas mulheres e a relação feminina ganha proeminência. A descrição de Henri e Villanelle e as mudanças de poder sofridas pela relação entre eles, não são apenas parte integrante da tensão entre os elementos masculinos e femininos do romance e de sua transformação em narrativa lésbica, mas têm também relação com outro aspecto de *The Passion*, mencionado anteriormente: a interação entre a representação feita por Winterson das paixões e emoções dos personagens e seu foco, em sua transmutação em arte, através da narrativa. Henri e Villanelle são os principais veículos para isso e Winterson explora suas subjetividades e seu desempenho narrativo com notável sutileza. A trama intrincada que *The Passion* apresenta é alcançada pela mobilização de múltiplos narradores e pontos de vista, um foco na retórica da narração e a tendência da narrativa para se transferir, em certos pontos chave, para o reino do realismo mágico e do surreal. Esses aspectos, assim como a ênfase no artifício do romance e das estratégias narrativas que ele utiliza, complicam o tratamento dado por Winterson à subjetividade, problematizando a noção de uma simples relação reflexiva entre o indivíduo e o texto. Em concordância com uma abordagem pós-estruturalista da textualidade e da formação do psiquismo, temos a impressão de que, ao invés de o texto refletir o "eu" individual, o sujeito é uma identidade relacional construída através do discurso e da textualidade.

Outros fatores também contribuem para a complexidade do tratamento dado por Winterson à subjetividade. Comentando a representação de personagens na metaficção historiográfica, Linda Hutcheon observa, em *A Poetics of Postmodernism: History, Theory, Fiction* (London: Routledge, 1988) que a história faz homens e mulheres e molda seu destino, ao invés de eles fazerem a história (173-4). Isso certamente se aplica à descrição de Henri e Villanelle. A subjetividade de ambos, bem como a relação entre eles, são descritas como produzidas e moldadas pelas forças históricas da época em que vivem -- particularmente pelas guerras napoleônicas e as perturbações sociais que elas causam. Forças de caráter psicológico também atuam na formação de sua subjetividade e a construção dos personagens, feita por Winterson, em termos das paixões que dominam suas almas, enfatiza impulsos e emoções. "Paixão", para Winterson, representa o envolvimento obsessivo do sujeito com o Outro, o objeto do desejo. Obsessões desse tipo intenso, diz ela, transpõem barreiras de classe, gênero e orientação sexual e assumem variadas manifestações. Podem ser românticas, como o amor de Villanelle pela Rainha de Espadas ou de Henri por Villanelle, ou podem refletir a adoração do herói e ter uma natureza edípica, como o afeto de Henri por Napoleão, a quem ele descreve como "um paizinho" (p. 81). Podem ser motivadas por um desejo de poder, como no caso das ambições de domínio territorial por parte de Napoleão, ou ser uma questão de apetite, como é sua paixão por frango, no plano culinário, ou por Josefina, no plano sexual. As paixões dessa natureza obsessiva, enfatiza Winterson, são involuntárias, irracionais e, quase sempre, autodestrutivas. O envolvimento de Villanelle com a Rainha de Espadas resulta na perda do seu coração -- literal e metaforicamente -- enquanto o amor de Henri por Villanelle leva-o a cometer um homicídio, ato que resulta em seu encarceramento na fortaleza da ilha de San

Servelo. A paixão de Napoleão pela conquista, além de causar uma imensa perda de vidas humanas, resulta eventualmente em sua derrota e morte. A intensidade da paixão que o indivíduo experimenta, como ilustram numerosos episódios do romance, tem pouca ou nenhuma relação com o valor do objeto dessa paixão, mas, tal como o conceito lacaniano de desejo, é uma projeção das necessidades íntimas do sujeito. Reconhecendo que sua paixão pela Rainha de Espadas governa sua vida, reduzindo sua identidade afirmativa a um estado de humilde submissão, Villanelle confessa que: "A paixão é mais um destino do que uma emoção. Que escolha tenho eu diante deste vento que sopra senão levantar vela e baixar os remos?" (p. 62). A caracterização de Villanelle se apóia na oposição poder/impotência e, embora ela se apodere do papel de narrador de Henri e, nos últimos capítulos do texto, domine tanto a ele como a ação, no plano do desejo e da fantasia sexual, entretanto, ela é dominada pelas forças da paixão. Mas, como demonstra Winterson no romance, nossas paixões e fantasias têm o poder de transformar o mundo prosaico e racional, gerando acontecimentos que desafiam as leis da natureza.